

Kriolidadi

Parte integrante do Jornal

A Semana • Sexta-feira, 25 de Fevereiro de 2005

MESTRE DE GERAÇÕES

PC FAZ HOMENAGEM A NHO JOÃOZINHO

UM MESTRE DE MÚSICOS

Na história da música cabo-verdiana, o progenitor masculino tem cumprido ao longo dos tempos, na ausência de escolas, a missão sublime de mestre dos próprios filhos, ensinando-lhes os primeiros acordes e os segredos do sucesso na carreira artística. É disso exemplo fiel Nhô Joãozinho, violinista, pai e professor de um leque de músicos de talento, dentre eles os próprios filhos, alguns deles hoje artistas de sucesso como Kim, Káko e Tó Alves. É a esse homem humilde, mas rico em sabedoria, que o Instituto de Promoção Cultural rende homenagem amanhã, 26, no Palácio da Cultura Ildo Lobo.

João Alves nasceu a 6 de Abril de 1924, na ilha do Fogo. Mudou-se para a cidade da Praia com a família, nos anos 60, fixando residência no bairro de Achada de Santo António. “Naquela época, Achada Santo António era conhecido como Monte Mosca devido ao lixo que aqui era depositado e tinha tão poucas casas que, de onde eu moro, perto da Capela, conseguia ver o mar sem problemas”, conta Nho Joãozinho ao **Kriolidadi**.

Ali, naquele que é actualmente o maior bairro da cidade da Praia, nasceram-lhe muitos, a maior parte dos 14 filhos, a quem desde tenra idade ensinou música. Mas só com os rapazes pôde realmente partilhar todos os seus conhecimentos musicais porque, diz, “não ficava bem levar as raparigas para me acompanharem nos bailes”.

Todos eles aprenderam a marcar o compasso e a perceber dos ritmos desde bem cedo, primeiro com um chocalho - feito de lata e sementes - e depois com o pandeiro. Só mais tarde Nhô Joãozinho permitia que aprendessem a tocar instrumentos de corda, caquinho, violino e guitarra. E, segundo

reza a história, Nhô Joãozinho não dava margem para erros. “*Quem errava, como acontecia comigo e os outros meus irmãos, levava com o arco do violino na cabeça e era obrigado a recomeçar*”, confessa Kim Alves, um dos três filhos que segue integralmente a carreira musical a par de Káko e Tó.

Dono de um estúdio de gravação, orquestrador de discos de vários artistas, Kim reconhece que o seu sucesso e dos outros irmãos - que são elementos da banda de suporte de Cesária Évora e integram o conjunto Kompass - é fruto dos ensinamentos do pai. “*Ele é um grande mestre, talentoso, dedicado, que sabe ensinar muito bem e por isso merece esta homenagem que, aliás, deveria ter sido feita há muito mais tempo*”, afiança o músico, orgulhoso do pai e mestre, Joãozinho Alves.

Pedreiro de profissão, de manhã constrói casas, tendo sido mestre de obra de construções hoje espalhadas por quase todos os bairros da Praia, carpinteiro e barbeiro em outras ocasiões, à tardinha Nhô Joãozinho ensaia e dá corpo à música com o violino que o acompanha há vários anos. Terminada a semana de trabalho, aos fins-de-semana junto com os filhos anima há vários anos sítios onde é chamado a actuar. “*Desde os 12 anos já tocavam comigo nos bailes, com os mais jovens a substituir os mais velhos, que atingida a idade adulta tomaram outro rumo na vida*”, lembra o homenageado que tem filhos a viver hoje nos Estados Unidos, Angola e Portugal.

É neste contexto familiar que nasceu Pai & Filhos, um grupo musical que, nas palavras de Kaká Barbosa, sobrinho de Nhô Joãozinho, “*marcou uma época na música cabo-verdiana com distinção, arrebatando vários prémios em concursos de violino e com o filho Kim Alves, aos nove anos, ser a premiado em solos de violão num palco de veteranos*”.

Primeiro artista a tocar “*ao vivo*” no antigo Rádio Clube, Nhô Joãozinho Alves em alturas tão diferentes como os anos 60, 70 e 80, foi o músico de serviço quando Cabo Verde era visitado por governadores e presidentes da República, animando saraus que o governo oferecia aos seus convidados de honra. Nhô Joãozinho também já levou a sua música alegre aos Estados Unidos da América e à Europa, com um semblante que se tornou a sua imagem de marca. “*As pessoas dizem que eu toco com raiva, mas a minha cara séria é apenas um sinal de respeito, fruto da educação rigorosa que recebi de meus pais e que transmiti também aos meus filhos*”, assegura o violinista. Mas só em 1994 gravaria com os filhos o seu primeiro disco, “*Tributo*”. Dez anos depois, lançaria o segundo, “*Mimória*”.

Homem lúcido e bastante activo aos 80 anos de idade, que até hoje repreende os filhos quando falham ao tocar um instrumento, Nhô Joãozinho desfruta agora com prazer do sucesso dos filhos. Nem todos seguiram a vida artística - outros preferiram seguir uma das outras profissões do pai -, mas o violinista vê a continuação da sua obra na carreira de outros músicos que passaram pela sua caseira escola de música, como Albertino, Manel Clarinete, Rui de Pina e tantos outros que hoje vivem nos Estados Unidos ou na Europa. E, apesar de não ter sido seu aluno, recorda com saudade o tempo em que acompanhou Ildo Lobo, logo nos primeiros anos da chegada do insigne intérprete à cidade da Praia. “*Fui o primeiro músico a tocar com ele*”.

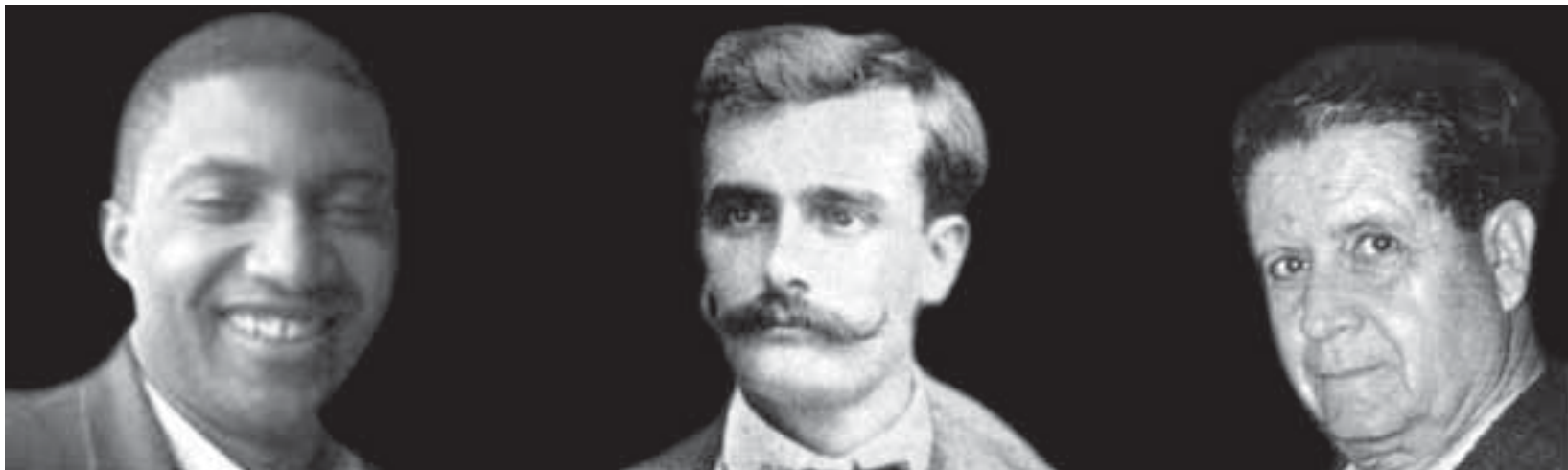
É a este legado de Nhô Joãozinho, “*um senhor da música tradicional crioula*”, segundo Kaká Barbosa, “*que engrandece a morna, a coladeira, o talaia baxu, a mazurca ou o samba*”, que o Palácio da Cultura Ildo Lobo prestará a devida vénia amanhã 26. A homenagem começa com uma recepção musical a Nhô Joãozinho Alves pelo grupo de Tabanka de Achada Grande e pelas Batucadeiras de Monte Agarro. Kaká Barbosa fará a apresentação biográfica antes do ministro da Cultura, Manuel Veiga, entregar um diploma de mérito cultural ao homenageado. Este

verá logo a seguir a sua fotografia integrar a galeria dos artistas na sala de Música do Palácio da Cultura. O louvor fecha com chave de ouro, ao som da música, primeiro do grupo Vulcão do Fogo e depois do próprio conjunto de Nhô Joãozinho Alves, o Pai & Filhos.

Teresa Sofia Fortes



Estes poetas são meus. De todo o orgulho(1)



O presente ensaio pertence a José Luís Hopffer Almada, poeta e ensaísta cabo-verdiano, residente actualmente em Portugal, onde é par-

ticipante do programa Debate Africano, da RDP-África. Devido ao seu tamanho Kriolidadi vai publicar o presente texto, em várias partes.

Problemáticas actuais da lusografia e da universalização na literatura cabo-verdiana.

estes poetas são meus. De todo o orgulho, de toda a precisão se incorporaram ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinícius sua mais límpida elegia. Bebo em Múrio. Que Neruda me dê sua gravata chamejante. Me perco em Apollinaire, Adeus Maiakovsk..."
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

É nosso propósito tecer algumas, breves, considerações sobre o processo de universalização da literatura cabo-verdiana e o lugar que, nessa universalização, ocupam a Língua Portuguesa e outras línguas, ainda que marginais nesse processo, como sejam o Crioulo e o Francês.

Tendo sido muito marcada, pelo telurismo, a partir do movimento claridoso, a Literatura Cabo-verdiana, especialmente a poesia, não tem sido avessa, ou sequer, alheia às revoluções estéticas que têm percorrido o mundo, em especial o mundo ocidental, matriz cultural da literatura cabo-verdiana erudita. Germinada à sombra e na periferia da Literatura Portuguesa, a poesia cabo-verdiana do séc. XIX e do primeiro quartel do século XX, com lampejos até à actualidade, construiu-se à volta de mitos greco-latinos, com destaque para os mitos da Atlântida e das Hespérides ou ilhas arsinárias, ou das grandes referências da cultura ocidental, abordadas pelas correntes romântica, ultra-romântica, parnasiana e simbolista, como se pode constatar amplamente em José Lopes, Eugénio Tavares, Pedro Cardoso, Guilherme Dantas, Guilherme Ernesto, Luís Medina de Vasconcelos, Januário Leite, João José Nunes, e demais poetas hesperitanos, arsinários e "pré-claridosos". Tal vontade de universalidade coexistiu, em alguns casos, com uma face telúrica e de temática nativista, expressa quer mediante a utilização de um cânone estético ocidental, em língua portuguesa, quer pelo maneio erudito da língua materna, o crioulo, pelos autores acima referidos, aos quais se juntam, entre outros, José Bernardo Alfama. A fase mais telúrica da literatura cabo-verdiana protagonizada pelo movimento claridoso é, consabidamente, detonada a partir de 1935 por influência dos modernismos russo, norte-americano, francês e português, com marcante papel das revistas "presença" e "Orpheu", e pelo alumbramento fundamental exercido pela literatura brasileira nordestina, que ao mostrar-nos o caminho abrangente e doloroso da Tellus Mater, injectou-nos também o vírus e o imaginário da Pasárgada.

A poesia da Nova Largada, que eclode, nos anos 40 e 50, como uma vertente mais rebelde nas revistas Claridade, Certeza e Cabo Verde, com os "poema de amanhã" e "bate pilão bate", de António Nunes bem como "Herança", "Magia Negra" e outros poemas da *Linha de Horizonte* de Aguinaldo Fonseca e assume, em 1953, nome próprio com o surgimento do Grupo "Nova Largada", na capital do Império, responsável pela

edição do Suplemento Cultural (1959) ao Boleim Cabo Verde (Praia, 1948-1964), é largamente marcada pelo neo-realismo português, pela intelectual e estética revalorização das nossas raízes negras e pela contestação social e anticolonial. No entanto, escassos são os traços da negritude na poesia cabo-verdiana dessa época, situação paradoxal se se tem em conta a origem colonial-escravocrata da sociedade cabo-verdiana. Será porque a negritude, tanto na sua dimensão teórica como na sua feição literária foi um fenómeno sobretudo francófono? O facto é que a negritude, e outros movimentos culturais similares, como o renascimento negro norte-americano, o indigenismo haitiano, o negrismo cubano, o panafricanismo cívico e político, sendo também produtos de sociedades coloniais bem como das Diásporas, dilaceradas pela mestiçagem racial e cultural, e pelas políticas de assimilação à cultura europeia, pouco eco tiveram em Cabo Verde, excepcionando-se a poesia da negritude crioula (ou creolidade panafricanista) de Pedro Cardoso, Jorge Barbosa, António Nunes, Aguinaldo Fonseca, Amílcar Cabral, Timóteo Tio Tiofe, Mário Fonseca, Corsino Fortes e Kaoberdiano Dambará, bem como, anteriormente, os ecos dos movimentos pan-africanistas de valorização do homem negro ou/ do cidadão colonial português e consubstanciado em múltiplas publicações editadas na então Metrópole republicana e em Cabo Verde e de que são símbolos paradigmáticos Eugénio Tavares, Júlio Monteiro, Jr., Pedro Cardoso, António Aurélio Gonçalves e Juvenal Cabral. Pedro Cardoso, o "Afro", émulo do socialismo e de Marx, "o grande mestre", que não cortando com a transpátria portuguesa, pugnou pelo orgulho da África faraónica e esfíngica, da Cartago de Aníbal e da Etiópia de Menelik, exaltou a independência do Haiti, a primeira republica negra do mundo, bem como combateu pela igualdade entre brancos e negros, pela disseminação numa perspectiva positivista, do saber, enquanto baluarte da civilização contra a barbárie, e, finalmente, pela valorização da língua e das nossas raízes crioulas, ainda que em contraposição às nossas matrizes afro-negras.

Falecidas que foram as várias experiências panfletárias do imediato pós-25 de Abril e pós-independência, inflacionadas na segunda metade de 70 e princípios de 80, e fulminado quase de morte, do ponto de vista estético-ideológico, o telurismo atávico predominante, de raiz claridosa, a emancipação cabo-verdiana trouxe consigo uma nova vontade do literato cabo-verdiano de se pôr em sintonia com as correntes predominantes na Literatura Ocidental e Mundial, propondo-se os escritores serem participantes efectivos na invenção de um dizer novo na literatura cabo-verdiana.

Reencetada a experiência universalizante

por João Vário em "Horas Sem Carne" (livro de poesia posteriormente retirado do mercado, por iniciativa do autor) e nos vários exemplos dados a lume nos anos 60 - experiência que lhe valeu a ostracização pela generalidade dos literatos e ensaístas nacionalistas e teluristas cabo-verdianos, tendo sido apodado de negro greco-latino por Corsino Fortes (na pele da personagem telúrica Corsa d' David, no poema "carta de Bia Didiá") e poeta desenraizado por Russel Hamilton e por uma grande parte da crítica académica e impressionista da sua geração, à qual viu-se T. T. Tiofe na obrigação de satisfazer, escrevendo o livro que ela dele esperava, isto é, os Livros de Notcha - a experiência universalizante, dizíamos, espalhou-se por várias vertentes, umas de feição mais contemporânea e intertextual na sua assumida cabo-verdianidade, como são os casos de Osvaldo Osório, Gabriel Mariano, Corsino Fortes ou Timóteo Tio Tiofe; outras de dimensão mais ontológica ou existencialista como são os casos de Arménio Vieira, outras ainda, de feição mais radicalmente vanguardista como será o caso do surrealista Jorge Carlos Fonseca. Na verdade, diversas correntes modernas divorciadas do telurismo identitário ou do engajamento político-social só depois da independência fizeram a sua plena e desinibida aparição ou tiveram pleno reconhecimento enquanto estirpe poética caboverdiana.

A que se deve o tardio do fenómeno? À tacañez do meio? À premência identitária consubstanciada no telurismo claridoso, na contestação nova-largadista, no vanguardismo cantalutista? Aos muros de silêncio que envolviam a nossa sociedade e tornaram mais pacata a nossa insularidade e mais premente a nossa e silenciosa revolta melancólica? Com certeza que esses factores terão pesado e sobremaneira. Mas creio que as necessidades de literalização do homem cabo-verdiano, no seu dolorido chão, isto é, da sua humanização pelo olhar literário, bem como a urgência da construção de uma literatura genuinamente nacional, no sentido de enraizada no nosso chão e na nossa específica condição de cabo-verdianos, fizeram com que, durante algum tempo, só se tornassem pertinentes as influências literárias estrangeiras que contribuísem para a explícita caboverdianização da literatura, no sentido de uma forte comunhão entre a Terra, o Homem e a sua específica mundivisão. Quaisquer outras experiências eram tidas como alienantes, extemporâneas, não pertinentes, ultrapassadas ou inautênticas, por contrárias, quer ao propósito de fincar os pés no chão, quer às exigências da emancipação política e social do nosso povo.

No respeitante à universalização (no sentido de des-telurização e pretensão de incorporação de uma suposta condição ontológica do ser humano em geral) proposta por uma franja significativa da

poesia cabo-verdiana actual, diz João Varela numa das epístolas (a 2ª) ao seu irmão António, a propósito da poesia de João Vário e Timóteo Tio Tiofe: "sirvo-me da cultura ocidental como duma arma miraculosa, como dizia Césaire, para elaborar a partir de coisas nossas, de raízes específicas, uma poesia de interpretação ontológica ou uma poesia cabo-verdiana de sabor novo. E para ter uma consciência aguda deste mundo ou deste século. Admito, como Senghor, que tudo é mais fecundo dentro duma tal mestiçagem cultural". Prossegue o autor da segunda epístola ao irmão António: "O esforço de Vário, quando escreve, consiste em ter presente, tanto quanto possível, no seu espírito ou na sua arte poética, toda a tradição (ou as técnicas significativas) da poesia universal". Assinala ainda o mesmo autor na "oitava epístola ao irmão António": "há já alguns anos que muitos patricios começaram não só a aceitar esse tipo de poesia, como a praticá-la. Em suma, mudou-se de paradigma". Mudança essa de natureza temática, de motivos e na linguagem, visível na poesia de um Arménio Vieira, a partir da sua recusa em escrever versos transitivos na sua degradação utilitária, do poeta cabo-verdiano, lusófono e francófono, Mário Fonseca, sobretudo no *L'Odiférente Evidence de Soleil qu'est une orange*, do inventor do surrealismo cabo-verdiano, que é Jorge Carlos Fonseca, do tapoé, "o único que chora na campo da sua mãe, ainda viva", o escritor e stalion Osvaldo Osório, da *Clar(a)idade Assombrada*, e *d' Os Loucos Poemas de Amor e Cinquenta Estações Inacabadas*, de Filinto Elísio Correia e Silva, nalguns passos *d'O lado de cá da rosa*, de Lúcio Sousa, em *Sob os signos da Luz*, de Mário Lúcio Sousa, em alguns poemas de cadernos de *A Sombra do Sol*, dos heterónimos Alma Dofer Catarino e Erasmo Cabral de Almada de José Luís Hopffer C. Almada, entre outros autores. Mudança de paradigma por demais visível no *Infinito Delírio*, de Danny Spínola, sintomática da Idade da neve, vivenciada pelo autor na diáspora da Europa Central, em Valentinus Velhinho, o poeta das quatro estações místicas meditadas num quarto, na poesia ontologicamente pessimista e, por vezes dorida na sua percepção do destino insularizado do ser humano, em *Paraíso Apagado por um Trovão*, de José Luís Tavares, no seu apuro de linguagem, num português raro e elevado, quase despojada de referências telúricas comuns ainda quando os motivos são inequivocamente cabo-verdianos e se trata da temática da infância ou da encenação da memória junto ao mar do Tarrafal de Santiago de Cabo Verde, linguagem essa ardentemente sincronizada, deliberadamente sintonizada, com a poesia contemporânea e a tradição poética lusógrafas (quer seja originalmente escrita ou derivadamente traduzida para a língua portuguesa).

José Luis Hopffer Almada
(continua)

KRIOLIDADI

Agenda Cultural



Tcheka Andrade é o artista convidado do Sofia Ciber para um concerto amanhã, 26, às 22 horas, no pátio do Palácio da Cultura Ildo Lobo. Para o espectáculo, no qual estará acompanhado por Kizó Oliveira (baixo), Raul Ribeiro (bateria) e Hernâni (guitarra), o músico natural da Ribeira da Barca apresentará um repertório composto por temas do seu primeiro e segundo disco - "Argui" e "Nu Monda", respectivamente.



Lela Violão e o seu grupo, do qual fazem parte Kiss, Jorge e Africano, é o artista convidado da noite de amanhã, 26, no Quintal da Música. Hoje, 25, é a vez do conjunto Tropical Som e das mornas e coladeiras.



O Centro Cultural do Mindelo organiza a partir da próxima segunda-feira, 28, uma exposição de reproduções de selos de Cabo Verde. Trata-se de uma colecção que inclui os mais variados temas até hoje abordados na filatelia cabo-verdiana como o mar, a pesca, as espécies endémicas, os escritores cabo-verdianos, etc.



As cenas bucólicas de Cabo Verde dão cor e vida à exposição de pintura da autoria de Severo Delgado, artista plástico natural de Santo Antão, que está patente no Centro Cultural do Mindelo, São Vicente. A mostra de cerca de 20 quadros estará aberta ao público até amanhã, 26.



José Maria Barreto lecciona a partir da próxima segunda-feira, 28, no Palácio da Cultura, um curso no domínio da pintura e do desenho. A formação está aberta a jovens da capital e da ilha de Santiago, em geral.



Terezinha Araújo é a artista convidada de hoje no Centro Cultural Francês da Praia, às 21h30. Ela vai interpretar temas do seu disco "Nós riqueza", uma homenagem ao pai, José Araújo, a Amílcar Cabral, e a outras figuras do seu convívio.

Raiz di Polon apresenta amanhã, 26, no Centre Culturel Franco-Namibien de Windhoëk (Namíbia), a peça "Duas sem três". A mesma obra sobe no dia 2 de Março ao palco da Alliance Française de Mbabane (Suazilândia). São espectáculos que fazem parte da digressão africana da companhia de dança africana contemporânea.



KRIOLIDADI

Nácia Gomi e Ntoni Denti D'Oro num só compasso

Ela é a rainha do finaçon, ele o rei do batuco e agora estão juntos num só CD graças a uma aposta da Augusto Veiga Produções (AVP), que quer dar a conhecer ao mundo esses dois estilos tradicionais de Santiago na voz daqueles que são unanimemente considerados mestres, Nácia Gomi e Ntoni Denti D'Oro. As gravações só terminam no final deste mês, mas Augusto Veiga garante desde já que "é um trabalho muito bonito, que certamente constituirá um documento importante para a música cabo-verdiana".



Projectado com a intenção de evitar o desaparecimento de um capital cultural precioso, actualmente com poucos seguidores, o CD tem um repertório de composições originais de Ntoni Denti D'Oro e Nácia Gomi, umas mais actuais que outras, mas que nunca antes foram gravadas. A tarefa de orquestração foi delegada a Eduíno, líder dos Ferro-Gaita, que foi desafiado a sincronizar e harmonizar o "tchabeta" moderno, concebido por ele, com o cantar à base de improviso de Nácia Gomi e Ntoni Denti d'Oro.

Assim, "porque eles cantam versos que na maioria dos casos não voltam a repetir", explica Augusto Veiga, "eu, Eduíno e Zunga Pinheiro fomos à casa de cada um deles, gravámos as composições que iam fazer parte do disco e, depois, com base nessa gravação, Eduíno concebeu os arranjos". Seguiu-se o trabalho de estúdio, com uma Nácia Gomi que se sentia em casa graças à experiência de gravação com Ferro-Gaita e um Ntoni Denti D'Oro tímido, pois era a primeira

vez que entrava num espaço do tipo.

Para dar vida às notas e acordes desenhados na pauta, Eduíno, além da sua própria pessoa, chamou os músicos que já deram prova do seu talento com a sua participação nalguns dos mais importantes grupos musicais de Cabo Verde: Bino Branco, Adão Brito e Jorge Pimpa (Ferro-Gaita), Dick d'Ano Nobo (ex-Abel Djassi e Finaçon), Quim Bettencourt e Elísio Faria (Simentera), Zeca Couto, Jorge Lima e Mário "Russo" Bettencourt (Tubarões), Tó Alves (Banda da Cesária Évora), Neusa Garcia (vocalista principal do grupo Terrero) e o pianista brasileiro Ricardo de Deus.

Se, a princípio, o trabalho de fusão de tantas e diferentes experiências parecia difícil, com o início dos trabalhos constatou-se o contrário, segundo Augusto Veiga, graças ao "senso musical apurado de Nácia Gomi e Ntoni Denti D'Oro". "Apesar de cantarem géneros rústicos, eles têm um sentido musical perfeito que se fundiu com o tchabeta moderno criado por Eduíno, que usa

instrumentos como bateria, guitarra e guitarra baixo", afiança o proprietário da AVP.

Augusto Veiga está por isso confiante de que o CD terá boa aceitação no mercado de world music, onde será colocado à venda no próximo mês de Junho. "Vou contactar as editoras e distribuidoras cabo-verdianas no estrangeiro, nomeadamente a Mendes Brothers e a Lusáfrica, que têm forte penetração no mercado norte-americano e europeu, respectivamente, para juntos divulgarmos esse trabalho de Nácia Gomi e Ntoni Denti D'Oro, pois estou certo de que será bem acolhido no estrangeiro".

COLECTÂNEA HIP-HOP

Mas antes do lançamento do CD de Nácia Gomi e Ntoni Denti D'Oro, a AVP pretende colocar no mercado, entre o final de Março e início de Abril, uma colectânea de hip-hop. No disco participam grupos da Praia - entre eles 2Pac&Ney, Blackstone, Bairro Side, Tatiana Cabral -, que se dedicam ao rap, r&b e pop.

São 14 temas originais, interpretados por um total de 30 jovens, entre adolescentes e jovens estudantes, profissionais e pessoas sem emprego. E mesmo antes de estar à venda no mercado, a colectânea de hip-hop já é sucesso. Bastou passar uma das músicas - "Sai ku mi" - na Praia FM, a rádio mais ouvida entre os jovens. Daí que Augusto Veiga está certo de que "há mercado para este tipo de música".

Teresa Sofia Fortes



VASCO MARTINS interpretado em Coimbra

A Casa Municipal da Cultura de Coimbra vai assistir, no próximo dia 28, à interpretação da Sinfonia 10, do compositor cabo-verdiano Vasco Martins. A "Pandion halieatus" vai ser tocada integralmente pela Orquestra Clássica do Centro.

São 11 minutos de "um diálogo constante entre a força telúrica da terra da ilha (as cordas) e a liberdade absoluta do céu que a cobre (os sopros)", pontuada, "aqui e ali", pelo "recorte rítmico-melódico da guardiã da liberdade, a águia, que ora canta ora chia, tão-somente". Palavras entusiásticas de Virgílio Caseiro, maestro da OCC, disponíveis no site de Vasco Martins.

É a segunda vez que a OCC interpreta esta composição em Coimbra, depois de ter procedido à sua estreia no passado dia 22 de Janeiro, no Salão Nobre da Câmara Municipal da cidade.

Vasco Martins - compositor, intérprete e poeta - é internacionalmente reconhecido pelo seu trabalho musical para orquestra e guitarra. Residente na ilha de São Vicente, o autor obteve formação com o músico e compositor português Fernando Lopes Graça e com o francês Henri-Claude Fontapié.

Com 17 discos gravados, o músico dedicou a maior parte do seu trabalho a composições sinfónicas, entre as quais se destacam esta Sinfonia 10, "Pandion halieatus", e as "Danças de Câncer", composição para cordas baseada na música cabo-verdiana tradicional, que foi tema de um documentário na RTP e base de um bailado coreografado por António Tavares.

Vasco Martins dedica-se também à composição de música electrónica, área em que regista cerca de 100 composições. As suas obras para guitarra são interpretadas pelos artistas internacionais Andrew Mah, Brooks William, Scott Morris e John William.

PMC

Música

TCHEKA LANÇA DISCO E DVD EM MARÇO



Dois anos depois de "Argui", Tcheka prepara-se para lançar um novo disco, acompanhado de um DVD. "Nu Monda", que será apresentado já no próximo mês, é composto por 12 faixas escritas pelo compositor e intérprete de Ribeira da Barca. Um disco a que, nas palavras do músico, "foi retirado tudo o que estava a mais a nível musical, da mesma forma como no campo se mondam as ervas daninhas".

Em entrevista exclusiva à semanaonline (ver link "Artista da Semana", em www.asemana.cv), Tcheka revelou que este disco pretende integrar e "divulgar novos sons da música cabo-verdiana", com incidência para os ritmos das ilhas de Sotaventos. Na sequência do seu trabalho de estilização da tradição musical do interior de Santiago, o autor de "Argui" apresenta neste novo álbum "um batuque mais suave", atenuando, desta forma, os sons fortes e cadenciados associados a esta forma de expressão da musicalidade santiaguense. Também o Fogo marca presença em "Nu monda", através dos ritmos usados nas festas de S. Filipe, que o músico resgatou, vestindo-os com uma nova e interessante roupagem sonora.

Em jeito de confidência, Tcheka afirma que "este disco é muito mais eu", uma vez que houve, ao longo da produção do trabalho, "uma liberdade de acção maior do que em relação a Argui". Enquadrada na que diz ser a sua missão de "tentar demonstrar que a música não é só feita para dançar, mas também para pensar", o músico continua a apostar na fusão da tradição cabo-verdiana com influências

pop, funk e jazz, da qual a nova faixa "Malcriado" é um paradigma. Esta música, iniciada com a cadência e a sequência melódica de acordes altos da morna, sofre a um determinado instante uma transfiguração súbita, incorporando sem pré-aviso uma sonoridade totalmente distinta, cujo estilo nem o próprio Tcheka sabe definir. "Foi algo que saiu cá de dentro e que não sei explicar", afirma.

O lançamento de "Nu Monda" no mercado está marcado para o dia 14 de Março, em Cabo Verde, e dia 26 na Europa. O DVD, que contém os registos do concerto de Tcheka no Maria Matos em Lisboa, uma entrevista de 10 minutos com o músico, em Ribeira da Barca, e um vídeo-clip da nova música "Agonia", acompanhará o disco, como oferta.

Pedro Miguel Cardoso

HISTÓRIAS DE "NU MONDA"

São doze as histórias contadas pela voz de Tcheka, pelas guitarras de Hernâni e Ângelo Andrade, pelo baixo de Kizó e pela percussão de Raul. São relatos da vida do interior de Santiago, que contam também com a contribuição narrativa e musical de Tafá, percussionista de jazz senegalês, convidado para a gravação deste disco. Tcheka revela, em exclusivo ao semanaonline, dois dos percursos de vida cantados em "Nu Monda".

"ESTRADA PICO CAPATAZ"

Esta é uma história verdadeira. Havia um capataz que, por não gostar muito de uma camponesa que trabalhava sob as suas ordens, riscou-a da lista de trabalhadores. Sem saber o que tinha ocorrido, uma manhã essa mulher camponesa sai de casa, em direcção à estrada de Picos onde os trabalhadores eram chamados para ir para o campo. Quando se apercebeu de que não constava

da lista, e com o apoio de todos os restantes camponeses, a mulher pediu explicações ao capataz, que, mesmo assim se recusou a aceitá-la. Humilhada, volta então para casa, onde estão os filhos, que desde manhã não têm nada para comer. De acordo com Tcheka, "esta música serve para denunciar o poder excessivo que algumas destas pessoas, que ainda existem, têm na mão".

"MALCRIADO"

Uma mulher é arrancada de casa por um homem que a viola. Quando sabe o que aconteceu, o marido pega numa catana, com o intuito de matar o violador. "Nesta música uso uma série de metáforas, que disfarçam o acto sexual, a violação da mulher", afirma o músico, que começa logo a cantar o refrão: "Bu subi'm na côcu/ Bu dadji'm na mudjer/ Ma'n teni machim ta sperábu/ Bu rinca purga, bu durba côcu".

PMC

KRIOLIDADE

ASTROLOGIA

1ª Semana de Março

CARNEIRO



CARTA DA SEMANA: O Mágico, que significa **Habilidade**.

AMOR: Terá uma boa oportunidade para falar abertamente com aqueles que ama.

SAÚDE: O seu organismo revela sinais de desequilíbrio.

DINHEIRO: Serão exigidos prazos, que terá de cumprir.

Número da Sorte: 1

Números da Semana: 25, 1, 9, 10, 5, 2



GÊMEOS

CARTA DA SEMANA: A Morte, que significa **Morte ou Renovação**.

AMOR: As traições são sempre descobertas por isso não minta à pessoa amada e seja o mais sincero e leal possível.

SAÚDE: Tire uns dias de férias para descansar.

DINHEIRO: Seja mais objectivo e directo no seu local de trabalho.

Número da Sorte: 13

Números da Semana: 48, 5, 47, 33, 6, 25



LEÃO

CARTA DA SEMANA: O Julgamento, que significa **Novo Ciclo de Vida**.

AMOR: Procure ser mais pacificador.

SAÚDE: Modere o descontrole das suas emoções.

DINHEIRO: O ritmo de trabalho será intenso mas bem sucedido.

Número da Sorte: 20

Números da Semana: 7, 1, 6, 36, 9, 14



SAGITÁRIO

CARTA DA SEMANA: 3 de Espadas, que significa **Amizade, Equilíbrio**.

AMOR: Valorize o seu lado apaixonado e deixe de esconder os seus sentimentos.

SAÚDE: Momento indicado para fazer a introspecção que tanto necessita.

DINHEIRO: Altura de maior lucidez sob o ponto de vista financeiro.

Número da Sorte: 53

Números da Semana: 4, 17, 18, 2, 39, 6



TOURO

CARTA DA SEMANA: O Imperador, que significa **Concretização**.

AMOR: A sua vida sentimental está numa fase positiva.

SAÚDE: Relaxe e organize melhor o seu tempo livre.

DINHEIRO: Resolva os assuntos profissionais que tem deixado pendentes.

Número da Sorte: 4

Números da Semana: 5, 7, 2, 9, 19, 13

CARANGUEJO



CARTA DA SEMANA: A Estrela, que significa **Protecção, Luz**.

AMOR: Excelentes realizações estão agora ao seu alcance.

SAÚDE: Atenção aos sinais de fraqueza do seu organismo.

DINHEIRO: Os projectos financeiros de curto prazo terão maior probabilidade de êxito.

Número da Sorte: 17

Números da Semana: 7, 18, 1, 45, 32, 47



VIRGEM

CARTA DA SEMANA: 8 de Copas, que significa **Concretização, Felicidade**.

AMOR: Mostre-se mais entusiasmado, agora tem a oportunidade de consolidar a sua relação amorosa.

SAÚDE: Hoje sentir-se-á animado e cheio de energia.

DINHEIRO: Conseguirá controlar as controvérsias e dominar o clima agitado que se tem vivido no seu local de trabalho.

Número da Sorte: 44

Números da Semana: 10, 20, 4, 12, 5, 8



CAPRICÓRNIO

CARTA DA SEMANA: Ás de Ouros, que significa **Harmonia e Prosperidade**.

AMOR: A sorte está do seu lado. Parta à conquista.

SAÚDE: Tendência para dores de cabeça.

DINHEIRO: Aposte seriamente na sua competência, pois poderá ser recompensado da forma como merece.

Número da Sorte: 65

Números da Semana: 7, 10, 2, 19, 48, 4

Maria Helena
Centro Português de Esoterismo
O Esoterismo e a Ciência de mãos dadas

Serviços:

Tarot - consultas por telefone

Astrologia

- mapa astral (adultos e crianças)
- mapa de compatibilidades
- ascendentes

Pode receber os nossos serviços por correio

Consultas por telefone

(Marque o indicativo de Portugal +) 21 3182599

Saiba as previsões para 2005

Receba grátis as características do seu signo

Avenida Praia da Vitória n° 43 - 1º andar 1000-246 Lisboa
(junto ao metro do Saldanha)Móvel: 96 371 73 73 - 91 727 48 26
Telef. da direcção: 21 318 25 90

E.mail: mhelenamartins@netcabo.pt

Site: www.astromhm.comSaiba as suas previsões diárias e semanais em www.sapo.pt/Astrologia

BALANÇA

CARTA DA SEMANA: Valete de Copas, que significa **Lealdade, Reflexão**.

AMOR: Seja mais exigente consigo mesmo e com os outros.

SAÚDE: Controle a sua alimentação.

DINHEIRO: Evite guardar as suas ideias só para si, pois mais tarde não poderá reclamar que a sua oportunidade não surge.

Número da Sorte: 47

Números da Semana: 44, 22, 10, 3, 9, 45



AQUÁRIO

CARTA DA SEMANA: 2 de Ouros, que significa **Dificuldade/ Indolência**.

AMOR: Poderão surgir alguns conflitos entre si e o seu par.

SAÚDE: Ligeira tendência para a depressão.

DINHEIRO: Ouça os conselhos da pessoa com quem divide as tarefas diárias

Número da Sorte: 66

Números da Semana: 3, 5, 18, 44, 47, 2



ESCORPIÃO

CARTA DA SEMANA: Rainha de Copas, que significa **Amiga Sincera**.

AMOR: Uma nova relação crescerá de forma surpreendente.

SAÚDE: Liberte-se do vício do tabaco o mais rapidamente possível.

DINHEIRO: Património protegido.

Número da Sorte: 49

Números da Semana: 1, 8, 7, 12, 15, 10



PEIXES

CARTA DA SEMANA: 6 de Ouros, que significa **Generosidade**.

AMOR: A sua cara-metade vai dar verdadeiras provas de amor.

SAÚDE: Poderá sentir algum desconforto a nível psicológico.

DINHEIRO: Tenha em atenção os seus actos.

Número da Sorte: 70

Números da Semana: 9, 25, 28, 29, 3, 47

DRAMATURGIA

cabo-verdiana brevemente em livro



Kultura i konviv

Lazer com cultura - esta é a proposta que o artista plástico Kiki Lima faz ao público com a abertura de Kaza d'Ajinha, na Avenida 5 de Julho, nº 27, Mindelo, antiga residência dos seus pais. A ideia nasceu há quatro anos após a morte da sua mãe, quando a casa ficou praticamente desabitada. Como Kiki Lima sempre quis criar um espaço seu dedicado às artes plásticas, decidiu transformar o antigo lar num espaço de cultura e convívio onde coabitam a pintura, a música, a arte culinária e o debate.

Ajinha era o nome pelo qual o filho de Kiki Lima, quando criança, chamava a avó Chalina Lima. Com a morte da mãe, brotou em Kiki Lima o desejo de homenageá-la. Uma intenção que se tornou realidade na terça-feira, 22, com a abertura ao público da Kaza d'Ajinha. Construído em 1927 e restaurada este ano, o espaço foi concebido, segundo Kiki Lima, para ser "mais do que um lugar de lazer. É uma casa de lazer com cultura".

E, apesar da corrente de pensamento segundo a qual São Vicente não tem mercado para este tipo de iniciativa, Lima está convicto de que a ilha do Porto Grande tem "público de qualidade para o tipo de serviço que queremos oferecer, sem entrar em megalomania. Tudo o que temos é pequeno e está dimensionado ao tamanho de São Vicente".

Por isso o artista plástico cabo-verdiano coloca, desde agora, à disposição do público: animação cultural, arte culinária e artes plásticas (fornecimento de equipamentos e materiais e formação e design gráfico), actividades que decorrem em diversos espaços.

No Salão Bijama ("nominho" do pai de Kiki Lima, Benjamim Lima, tocador de violino), pode-se assistir a conferências, palestras, festas, projecções e exposições.

Mesmo ao lado fica a Kmidoria Ajinha, espaço onde pode apreciar pratos tradicionais de Cabo Verde com um toque de inovação e criatividade - sandes das ilhas, Katxupa frito e de "kompanha" (linguiça, ovo, botxada, etc), kmida d'txuke, etc - com animação variada. "Falamos em arte culinária e não em restauração porque o que queremos é mais do que dar um gosto diferente à comida, vamos mudar o gosto com tanto frequência quanto possível e com uma apresentação original", afirma Kiki Lima.

Outra especialidade da Kaza d'Ajinha é o terraço, que está reservado para concertos de música tradicional de Cabo Verde em noites de lua cheia em meio às ruínas de uma casa tradicional típica do meio rural cabo-verdiano como aquelas que podemos ver nas ilhas de S. Antão, Santiago e S. Nicolau. O visitante da Kaza d'Ajinha pode, ainda, usufruir dos serviços de uma unidade de produção de molduras para quadros e fotografias, que no futuro abrangerá também o Familiarizarte, um programa de recuperação, restauro e ampliação de fotografias antigas dos antepassados. TSF



Dois cenários: "um adro de uma igreja qualquer e uma sala de jantar". É nestes contextos figurativos, descritos pelo dramaturgo sanvicentino Espírito Santo e Silva, que se desenrola "Um Estranho à Minha Mesa", uma peça teatral que será integrada no primeiro volume da futura colecção "Dramaturgia Cabo-Verdiana". O lançamento da primeira obra desta colecção será em Maio através de uma iniciativa da Associação Mindelact, no âmbito de um protocolo que será assinado entre esta instituição e o Instituto Nacional da Biblioteca e do Livro, no início do próximo mês.

Em contacto com **Kriolidadi**, João Branco, presidente do Mindelact, aponta que a escolha de Espírito Santo e Silva para abrir a nova colecção se insere na estratégia assumida pela associação de "editar todos os anos um livro com peças representativas da obra de um dramaturgo cabo-verdiano". Nesta primeira edição, de acordo com João Branco, "questões de ordem financeira e de composição gráfica estão a ser equacionadas, no sentido de se determinar se serão publicadas três ou quatro peças do autor". Desta forma, para além de "Um Estranho à Minha mesa" estão na "corrida" para a publicação em livro as peças "Retalhos de Vida", "Visões Apocalípticas" e "Corcundas".

... e "Corcundas".

Dos bastidores da nova colecção, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL) dá uma mão, disponibilizando ao Mindelact uma verba "ainda não definida" destinada à materialização desta colecção. Esta ajuda integra-se num projecto mais abrangente do INBL que, de acordo com o seu presidente, Joaquim Morais, prevê a criação de "um centro de documentação sobre o teatro, na Associação Mindelact, para a qual o IBNL disponibilizará livros, e outro tipo de apoios".

Com a edição do conjunto de obras integradas na colecção "Dramaturgia Cabo-Verdiana", o IBNL pretende preencher um espaço que, "por não ser uma área a que os cabo-verdianos estavam habituados a ler em livro",

não foi contemplada ao longo dos tempos com o apoio do instituto.

Esta parceria alargar-se-á também a outros domínios. A partir de agora o Mindelact será, de acordo com Joaquim Morais, "uma plataforma para onde serão encaminhados todos os apoios que nos forem pedidos na área da dramaturgia, como forma de obtermos uma melhor organização, e de aproveitarmos as sinergias".

Para o presidente do Mindelact, "o lançamento destes livros vai suprir o grande problema da dramaturgia cabo-verdiana, que é a sua não-edição", tomando como exemplo as peças de Espírito Santo e Silva, "todas já foram encenadas e largamente aceites pela sociedade artística e pelo público, mas só agora com uma oportunidade concreta de publicação em livro".

Para já, nem João Branco nem o presidente do IBNL adiantam o nome do próximo autor a ser publicado em livro. Segundo o responsável pelo Mindelact, "o panorama teatral em Cabo Verde está em constante mutação, o que torna difícil de fazer essa previsão". No entanto, João Branco adianta que "não vai ser ninguém de São Vicente, uma vez que queremos que esta colecção represente Cabo Verde no seu todo".

Pedro Miguel Cardoso

NASCE NOVA COMPANHIA TEATRAL NA PRAIA

Cena Aberta ou teatro sem fronteiras

A formação é base do sonho de um futuro risonho para o teatro que se faz hoje em Cabo Verde. Para provar isso mesmo, ex-alunos do curso de iniciação teatral ministrado na Praia pelo actor brasileiro Wilton Alexandre a convite da Santa Kultura uniram-se ao seu formador para criar uma nova companhia de teatro: a Cena Aberta. Um grupo que, conforme deixa entender o nome, está aberto ao teatro de todos os cantos do mundo.

Entre Julho e Agosto de 2004, Wilton Alexandre ministrou um curso de iniciação teatral a cerca de 30 jovens da capital, partilhando com eles os seus conhecimentos sobre a voz, o corpo, a respiração, os jogos dramáticos, a interpretação e a criação de personagens. Seis meses passados, o actor brasileiro e oito ex-alunos da oficina dão corpo a uma nova companhia - A Cena Aberta.

Formado por pessoas de diversas faixas etárias e estratos

sociais, desde estudantes adolescentes e jovens a mães e donas de casa, Cena Aberta redige neste momento os seus estatutos, a fim de constituir-se legalmente. Mas, se esta tarefa tem data certa para terminar, o grupo em si ainda tem muitas léguas para percorrer. Segundo Wilton Alexandre, "um actor nunca está totalmente preparado, daí que os elementos do Cena Aberta precisarão sempre adquirir novos conhecimentos".

Para conseguir atingir esse objectivo, os elementos do grupo já têm o essencial, que é, conforme Alexandre, "muita vontade de aprender". "Isso derruba muitas barreiras", afirma o actor e director do Cena Aberta. Uma sede de fazer teatro que será parcialmente saciada com a estreia no próximo mês, no âmbito de Março - Mês do Teatro, da peça "Paixões de Molière". Uma comédia escolhida a dedo por ser uma homenagem à função do actor, ao mostrar ao



mesmo tempo as dificuldades e os privilégios da classe.

Para os próximos quatro anos - período de tempo que Wilton Alexandre considera ser suficiente para formar um grupo com conhecimentos sólidos e condições para realizar espectáculos de qualidade e líderes que poderão con-

tinuar o trabalho iniciado por ele -, estão sendo elaborados vários projectos. Para este ano a Cena Aberta deverá montar um espectáculo infantil, que junta em palco bonecos e actores de carne e osso, e abrir uma nova oficina de teatro.

Teresa Sofia Fortes

KRIOLIDADI



PROFISSIONALIZAÇÃO DO CINEMA AFRICANO PRECISA-SE

A 19ª edição do Festival de Cinema e da Televisão de Uagadugu (Fespaco) inicia-se amanhã, 26, sob o lema "Formação e Prós e Contras da Profissionalização". Durante sete dias, os profissionais do sector virão analisar as dificuldades e perspectivas em matéria de formação e criação de novas profissões na sétima arte de África. Os eventos mais aguardados são, no entanto, as competições oficiais de filmes, televisão e vídeo, prémios especiais e o Mercado Internacional de Cinema e Televisão Africanos (Mica).

"O cinema e o audiovisual sofrem uma evolução tecnológica constante. É, por isso, uma imperiosa necessidade que os profissionais do cinema africano compreendam e se apropriem das novidades tecnológicas que influenciam actualmente a criação, a produção e a difusão cinematográfica e audiovisual". Este é o desafio que a organização do Fespaco 2005 lança aos profissionais do sector que chegam amanhã à capital do Burkina-Faso, convidando-os ao mesmo tempo a produzir durante um colóquio ideias e iniciativas que trarão contributos importantes ao desenvolvimento do cinema do continente negro.

Mas ao grande público interessam mais os concursos e prémios que destacarão os melhores filmes, realizadores e actores de África. Na competição oficial de longas-metragens defrontam-se 19 filmes, com a África do Sul e o Burkina-Faso a dominarem a lista. Os países do Magrebe, neste caso Marrocos, Tunísia e Argélia, ocupam o segundo posto, seguidos de um grupo de países com apenas um filme, entre eles Angola e a película "Herói", de Zezé Gamboa. Outras 22 longas-metragens competem na categoria denominada "Panorama dos Cinemas de África - Longas-Metragens", que é, mais uma vez, liderada pela África do Sul, correspondendo assim ao seu estatuto de gigante.

São 20 os filmes que concorrem na competição oficial de curtas-metragens. O país anfitrião domina esta categoria, seguido da Tunísia e outros seis países com dois ou apenas um filme. Bem menor é o número de filmes do mesmo tipo que participam no "Panorama dos Cinemas de África - Curtas-Metragens", apenas cinco, sendo três da Tunísia e apresentando-se o Senegal e Marrocos com um filme cada.

O Prémio Paul Robeson é disputado por seis filmes, realizados por profissionais originários ou que vivem na diáspora: Estados Unidos da América, Reino Unido e Cuba. Os Filmes do Mundo, categoria que se divide em dois sub-grupos (longas e curtas metragens) leva a Uagadugu produções da Europa, América do Norte e do Sul, Ásia e Caraíbas.

Em competição estarão também obras concebidas em formato vídeo e televisivo. Na categoria de ficções e documentários defrontam-se 18 trabalhos. E porque o continente quer igualmente que nos seus canais televisivos passem séries made in África, existe a categoria de séries de televisão, mas ainda de pequena dimensão (apenas quatro séries). A mais disputada de todas as categorias é o Panorama Tv-vídeo com 56 filmes concorrentes, originários dos quatro cantos do mundo.

TSF

Homenagem

Homenagem a NHO PUXIM

Nho Puxim está de volta. Depois de alguns anos inactivo, por motivo de doença, o humorista está de malas aviadas para os Estados Unidos onde, em Abril, irá lançar o seu mais recente trabalho, intitulado "Homenagem a Nho Puxim". O CD, além de anedotas, inclui ritmos tradicionais como o Batuco, Coladeira e Funaná interpretados por diferentes artistas crioulos.

Quem já estava com saudades das hilárias anedotas de João Baptista Guerreiro Velinho Rodrigues, aliás Nho Puxim, pode ficar descansado porque um novo CD vem aí. Há muito aguardado pelos cabo-verdianos residentes e na diáspora, este trabalho será lançado a 15 de Abril nos Estados Unidos, e em Cabo Verde a 5 de Julho.

A escolha dos EUA deve-se ao facto do artista ter ali mais admiradores, isso de acordo com o filho e manager Marcos Velinho, mais conhecido por Dénis. "As anedotas do meu pai são mais apreciadas no estrangeiro. Lá é como se a mensagem chegasse melhor, também ajudam a comunidade a lembrar da sua terra natal bem como do seu passado", acredita Dénis.

O entrevistado de Kriolidadi acrescenta

ainda que o CD "dará à nova geração a oportunidade de saber quem, de facto, é Nho Puxim, resgatar esta arte que actualmente quase que caiu em desuso, além de mostrar que Nho Puxim não morreu".

O "Homenagem a Nho Puxim" entrou no estúdio do Zeca di Nha Reinalda para ser gravado há três anos. Entretanto, devido a problemas de saúde do humorista, os planos mudaram. Até aparecer o produtor Calú, que mostrou interesse em terminar este CD inédito, na Holanda.

Além desse trabalho que brevemente estará no mercado, ao longo da sua carreira artística, reconhecida aqui e na diáspora, Nho Puxim já editou 14 áudio-cassetes de anedotas, todas elas "com grande aceitação". Dentre eles constam, "Na cambar di sol", "Mi li mi lá", "As Aventuras de Nho Puxim".

Em simultâneo, o humorista realizou vários programas radiofónicos e espectáculos em quase todas as ilhas, o que faz dele um defensor e promotor da cultura e da língua cabo-verdiana, questão muito em voga actualmente com a possibilidade da oficialização da língua caboverdiana ou não.

Paula Mosso



MANUEL LOPES REVISITADO EM SANTA CATARINA



O recentemente falecido escritor Manuel Lopes foi ontem homenageado pela Associação de Escritores de Cabo Verde. Esta "revisitação do autor", como lhe chamou o presidente da AEC, Corsino Fortes, teve lugar no Salão Nobre da Câmara Municipal, em Santa Catarina.

O evento mais não pretendia ser, como Corsino Fortes declarou ao Kriolidadi, senão "um tipo de tertúlia onde se discutiram e lembraram os personagens, os contos, as novelas, o contributo deste escritor para as letras cabo-verdianas, enfim, vários aspectos importantes da obra de Manuel Lopes, analisados na perspectiva de que a literatura é como uma corrida de estafeta".

A tertúlia foi conduzida por elementos da AEC e pelo jornalista António Silva Roque, da Rádio Nacional, e destinou-se sobretudo aos jo-

vens. Esta terá sido a razão pela qual a associação escolheu Santa Catarina para a realização desse acto, uma vez que, segundo Corsino Fortes, esta "é uma cidade com uma grande população estudantil, o que torna obrigatório incluí-la no roteiro cultural".

A AEC tinha já prevista a realização desta homenagem, ainda antes da morte do escritor. O evento, que não chegou a acontecer, iria ocorrer em Santo Antão, "uma ilha que tem um peso muito grande na obra de Manuel Lopes, o peso do flagelo", aponta o presidente da AEC.

Depois de Santa Catarina, uma nova tertúlia sobre Manuel Lopes vai ser realizada na Cidade da Praia, "na primeira semana de Março", avança Corsino Fortes, embora sem precisar a data.

Pedro Miguel Cardoso

Estórias na bóka noti

O livro "Na Bóka noti", de Tomé Varela da Silva, vai ser reeditado brevemente pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. O livro, cuja primeira edição data de 1987, reúne histórias tradicionais das ilhas de Santiago, Maio, Santo Antão, São Vicente. Como grande novidade, a reedição de "Bóka noti" apresenta a revisão do crioulo escrito, com base no Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano (ALUPEC). A primeira versão da obra, de 1987, foi redigida mediante a convenção ortográfica da Proposta do Mindelo, de 1979.

O imaginário popular fez parte da infância de Tomé Varela, que na sua terra natal, "lá para os lados de Órgãos", ouvia histórias vindas da boca dos pais e avós. Relatos que, segundo o mesmo, "os mais novos bebiam tomando-os sagrados, mesmo sem terem noção do sagrado". Numa altura em que a televisão não se impunha, tal como hoje, eram as reuniões ao fim da tarde que representam, segundo o escritor, "uma forma de socializar, fora de série". Eram oportunidade para os mais velhos passarem o testemunho das regras sociais e culturais às crianças, que os mais novos "integravam, sem se darem conta".

A ideia de reunir em livro as histórias tradicionais que foi registando ao longo de sua "meninência" terá surgido por volta de 1986 du-

rante o exercício das funções de Tomé Varela da Silva no Departamento de Tradições Oraís da Direcção-Geral de Cultura. Uma função que o levou a viajar por várias ilhas com o intuito de recolher e fixar a tradição oral e, através dela, "tentar compreender a filosofia subjacente ao pensamento do povo cabo-verdiano". Uma vontade que terá surgido em Portugal, onde o autor se apercebeu "que conhecia muita coisa sobre a cultura ocidental", mas que não sabia nada sobre o povo do seu país.

O trabalho de recolha foi concluído em 1987, ano em que foi editada a primeira edição de "Na Bóka Noti". Na obra foram também incluídas algumas histórias da infância de Tomé Varela, que este havia recolhido cerca de 15 anos antes, "durante umas férias de Verão, 1973, onde fiz pela primeira vez a incursão no crioulo escrito".

O autor prepara agora mais quatro volumes de "Bóka Noti", que vão apresentar mais 400 histórias tradicionais compiladas e resgatadas à tradição oral cabo-verdiana. Desta vez a recolha remeteu-se unicamente ao Fogo, "uma ilha com uma riquíssima tradição oral, onde existe um apego e uma valorização imensos à tradição oral", segundo Tomé Varela. O início da organização das obras ocorrerá "no próximo ano", afirma.

PMC

